

CINE-JORNAL

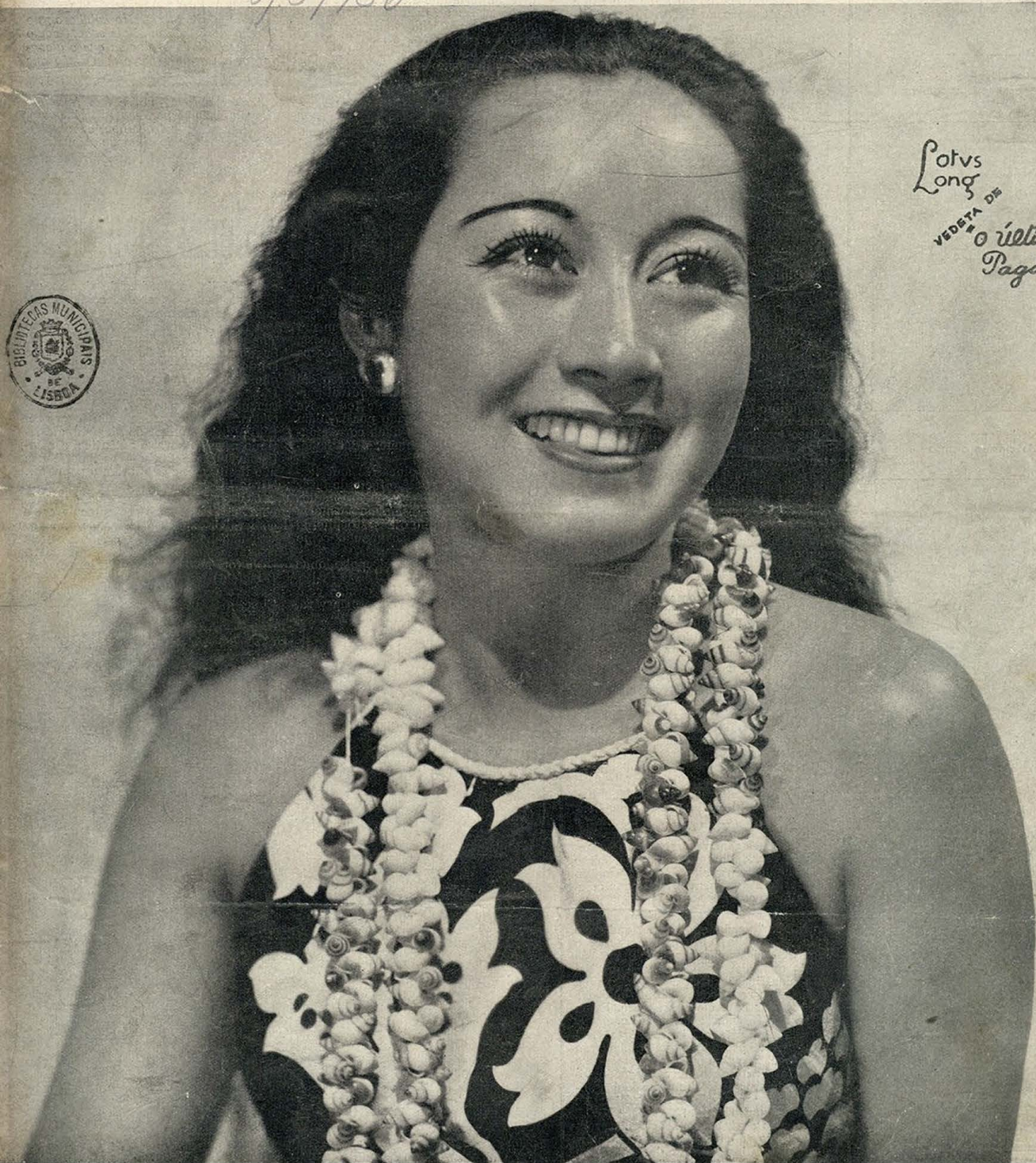
ANO I-N.º 34 — 8 DE JUNHO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00

8/6/1936

Lotus
Long
VEGETA DE
"O último
Pagão"



Neste número: Um filme sobre as Cinco Gêmeas de Dionne



Dolores del Río, chega a Los Angeles, acompanhada de sua mãe



Hansi Knoteck, uma noiva «arionas» do cinema alemão



Juanita Quigley foi visitar Mary Carlisle e convidou-a para um passeio de triciclo



Victor Staal e Hansi Knoteck, a noiva por alemão

A Canção da Terra

Fala Aquilino Mendes, que vai ser o operador do novo filme português

Já tínhamos falado com Brun do Canto Açoreo do seu novo filme *A Canção da Terra*. Mas que diria sobre ele quem, conhecendo-o bem, não estivesse na situação de criador? Foi, assim, que ouvimos Aquilino Mendes, o primeiro operador.

Tratase dum rapaz que há já alguns anos se dedica ao cinema com grande vontade de acelerar. É simples de carácter: é atento aos conselhos que lhe dão; possui um conjunto de qualidades pessoais e técnicas que lhe conquistaram simpatias. Se, por ora, a sua competência, é discreta, esperamos que, depois de *Canção da Terra*, não suscitará sombra de dúvida.

Ainda há pouco, Barlh. — operador francês do *Trevo de 4 Folhas* — quando assistia, numa das salas de Lisboa, à passagem de algumas cenas daquele filme, perguntava ao seu assistente, Salazar Diniz:

- De quem é esta fotografia?
- De Aquilino Mendes.
- Ninguém faria melhor!

Todos sabemos quanto são raros os elogios na boca de estrangeiros, sobre tudo na de oficiais do mesmo ofício. Este foi um elogio espontâneo, e tanto mais de pessoas quando o elogiado não estava presente.

Aquilino Mendes foi, também, o assistente do operador alemão que, há bem pouco tempo, em Lisboa filmou alguns aspectos para a película que Harry Piel tencionava realizar em Portugal. Como, porém, a Alemanha não consente a saída de mais de vinte marcos por pessoa, foi obrigado a fazer-se substituir pelo seu assistente e pelo operador. *Cine-Jornal* foi a única publicação portuguesa a dar a notícia da chegada de ambos assim como do projecto de Harry Piel. ...Mas estávamos falando de Aquilino Mendes. Eis o que nos disse:

— Aprendi muito com aqueles técnicos alemães. Quasi me não davam tempo para comer. Das oito horas da manhã até sabe Deus quando, estávamos filmando, procurando tirar o maior rendimento da luz e do tempo. Quando, uma vez, lhes falei de almoço, um deles respondeu-me: — «Você só pensa em comer! Neste ofício a comida fica para depois; primeiro, trabalhe-se!» — Só por volta das 19 horas é que, de corrida, nos atirávamos a um café com um biscoito. Depois... trabalho.

Compreendi que era assim, de facto, que se tinha que trabalhar em cinema; aproveitar toda a oportunidade, aproveitar a luz do sol ao máximo, tirar dela o maior rendimento. A afirmação mais categórica que lhe posso fazer sobre o meu primeiro trabalho na *Canção da Terra*, é que irei trabalhar como os alemães, aproveitar-lhes os ensinamentos, obrigando assim os meus colegas a fazer outro tanto.

Brun do Canto leu-me o argumento do filme. A verdade, a humanidade que nele se contém, entusiasmarão-me. O meu entusiasmo contagiou Brun do Canto que, alguns dias depois, me lia, já a planificação e os diálogos. O meu entusiasmo redobrou, e prolifiquei-me a colaborar com ele nessa obra. Estou certo que faremos alguma coisa.

Mota da Costa e Lázaro Corte Real são dois velhos amigos que colaborarão conosco, o primeiro como assistente geral, o segundo no duro cargo de director de produção. A minha fé é grande, mas por vezes chego a acreditar que a deles é muito maior!

Falámos da interpretação, pois grande segredo rodeia a escolha dos intérpretes. Aquilino Mendes declarou:

— Nada sei a esse respeito. Brun do Canto disse-nos que não iria buscar um só ao teatro, nem a concursos, pois

acha que estes não dão resultados aproveitáveis e teria que atender mil e uma recomendações de meninas e meninos cinefilos com aptidões. E afirmou: *Nem um só actor teatral*. Sobre a interpretação nada mais sei e sobre o filme não estou autorizado a dizer mais nada.

Ao retirarmo-nos, estávamos convencidos que já havia alguns intérpretes escolhidos. Isso foi-nos confirmado depois. *A Canção da Terra* conta já com quatro intérpretes. Quem são?

SERGIO ACERCIO

UMA FIFIA...

O maestro Frederico de Freitas é um artista que deve ao cinema grande parte do seu prestígio. Antes de *Leilão de Barros* o ter convidado para fazer a partitura de *A Severa*, tinha, é certo, já alguns êxitos na revista, mas o seu nome não era suficientemente conhecido.

Entre a *Severa* e as *Pupilas*, Frederico de Freitas teve no Politeama e em outros teatros umas épocas pouco felizes na opereta. Foi ainda naquele último filme que colaborou com pleno sucesso.

Agora o citado maestro colaborou no *Trevo de 4 folhas*. Pois sabem como se refere a todo o cinema que o alcançou, em grande parte, à posição que tem, aos realizadores que o chamaram e a quem devia pelo menos gratidão?

Assim: tudo o que se tem feito em cinema «são esperanças» — só agora, no filme em que trabalhou, encontra a «forte realidade do cinema nacional»!

Isto é o que se chama «moralmente» uma fífia...

Um caso típico do cinema americano

Como se sabe, o famoso empresário americano Florenz Ziegfeld, o mais célebre de todos os tempos, acaba de ser homenageado por Hollywood, com um filme que foca a sua vida aventureira, e que é um mais faustoso e mais caros realizados até hoje.

Como se sabe, Ziegfeld morreu em 1929. A sua imagem inconfundível perdura ainda na memória de todos. Na tela, Ziegfeld é encarnado por William Powell, cujo físico em nada corresponde ao do empresário famoso das famosas «Follies».

Só a audácia dos cineastas americanos se não deteria ante o facto de fazer reviver uma personagem célebre, cujos traços fisionómicos estão na memória de todos, e confiando o desempenho da mesma a uma figura tão popular como a de W. Powell.

Mas a sua audácia foi mais longe ainda...

Com efeito, Ziegfeld foi casado com Billie Burke, que está viva e bem viva,

e que é hoje uma vedeta do cinema, célebre, e das que trabalha com assiduidade ante a câmara.

A figura de Billie Burke tem no filme *The Great Ziegfeld* um papel capital. Sendo uma estrela de cinema célebre e sendo a *personagem real*, tudo indicava que fôsse ela quem desempenhasse no filme biográfico em questão o papel da sua própria pessoa! — Mas tal não sucedeu. E, assim, procurando focar-se a Billie Burke, mulher de Ziegfeld, e existindo a verdadeira, a autêntica, a inofensível Billie Burke — os americanos não hesitaram, e confiaram o papel a... Mirna Loy.

A verdade aqui não se compadecia com as exigências espectaculares e comerciais — e os americanos, por sua vez, não hesitam em sacrificar aquela aos interesses soberanos da indústria...

Na foto abaixo vemos William Powell (Ziegfeld) ladeado da verdadeira Billie Burke e de Mirna Loy, que encarna, no filme, a figura daquela.



Estreou-se, em Paris, "O Disco 413", com Alcaide

Estreou-se, em Paris, no meio da maior expectativa, o novo filme de Richard Potter, intitulado *Disco 413*.

Trata-se dum filme policial, ao qual a crítica teve os mais entusiásticos elogios, e onde o interesse empolgante do argumento se casa, à maravilha, com outros elementos de agrado, sabiamente intercalados na obra.

A interpretação, segundo as referências da imprensa, é excelente. Gitta Alper canta assombrosamente. Jean Galland e Jules Berry têm os principais papéis masculinos a seu cargo e desempenham-nos com brilhantismo.

A «Cinématographie Française» cita o nome de Tomaz Alcaide entre os intérpretes, acompanhado da elogiosa referência de: «magnifique chanteur».

Vem a talhe de foice dizer que Tomaz Alcaide, neste momento, se encontra em Londres, nos estúdios da Metro, a fazer provas de caracterização, que devem ser remetidas à América.

O nosso compatriota parte para Hollywood em Agosto, mas antes vem a Portugal, em fins de Junho, possivelmente, a fim de gravar uma canção para *Bocage*.

A canção «ininteligível» de Charlot

No seu último filme, *Charlot*, a certa altura, canta uma canção. A letra respectiva é «ininteligível», sabido é que o famoso mimo, por ter perdido a que verdadeiramente competia à música em questão, se limita a «aldrabar» uma qualquer, com palavras que inventa e que lhe ocorrem de momento.

Um crítico assistiu dez vezes à exibição de *Tempos Modernos* e conseguiu traduzir fonicamente a canção de Charlot. É-la:

*La spinach, or la tuko
Cigueretto, toto torlo
E ruscho spaghetto,
Che le lu le tu tu tu.*

*La der la ser paunbroquer,
Luserno seprer jau mocher,
E ses, confes a potcha,
Ponka uata ponka uá...*

Continental Filmes, L.^{da}

Já está organizada a firma que produzirá e distribuirá *A Canção da Terra*, e que tomou o nome de Continental Filmes, L.^{da}.

Para tratar de assuntos que se prendem com os trabalhos que vão encetar, partiram para Paris os directores da Companhia.

O sorteio da lotaria nacional e os cinemas franceses

Há muito tempo já que os empresários dos cinemas franceses se queixavam de que o facto do sorteio da Lotaria Nacional ser feito aos sábados e domingos os prejudicava extraordinariamente, sabido é que, justamente nessas dias, a clientela costuma ser mais abundante, e se retraiu para seguir, em casa, pela T. S. F., a marcha da extracção, ou para assistir, no próprio local, às peripécias daquela.

A Câmara Sindical da Cinematografia francesa oficiou, nesse sentido, ao Secretariado Geral da Lotaria e esta entidade não só compreendeu os motivos da petição, como accedeu imediatamente à mesma.

De futuro, a extracção da «talud», em França, far-se-á noutros dias que não sejam sábados e domingos.



Fred Astaire, moirineiro americano — ou Fred Astaire, actor, cantor e bailarino, em «Siga a Marinha!»

NO LONGINQUO ORIENTE...

O cinema japonês também tem as suas Marlenes e as suas Garbos

CONTA-SE que Noah Beery, principal intérprete dos *Condennados* de Santa Maria, irmão do célebre Wallace Beery cujo *Viva Villa* é uma epopeia, trabalhava há 17 ou 18 anos nas ilhas *Hawaii* num filme com *Sessue Hayakawa*, intitulado *A Férida* que salva.

A dado momento, desenrola-se uma cena intensamente dramática que tinha por quadro o vulcão *Kilanea*. O realizador, ávido por proporcionar sensações ao público, exigiu um pugilato mesmo à beira da cratera.

Fácil de compreender que o local não era dos mais agradáveis. Níveis de vapor elevavam-se da buca do gigante, as quais sufocavam os actores e faziam-lhes experimentar indescritível incómodo. Por outro lado, o solo em pasta movente oferecia pouca ou nenhuma segurança. Os sapatos escorregavam-lhes e o fumo cegava-os. Um suplício por amor à arte...

Porém, não ficaram por aqui os aborrecimentos. Quando Noah se aprestava para derrubar, definitivamente, o seu companheiro, após um autêntico «catch as catch cans», ouve-se um ruído estranho, seguido de um estridente «salve-se quem puder», lançado à uma por todos os circunstantes.

Poucos segundos depois, o solo instável onde repousavam actores, realizador, ajudantes, máquinas, etc., sumiu-se no fundo do vulcão. Por um fio esteve, pois, o mundo cinematográfico em vias de perder dois dos seus melhores elementos.

Ora, por uma súbita aliança de ideias, o nome de *Sessue Hayakawa* que vimos com extraordinário interesse no tempo do nudo, acarelou-me para a esfera do cinema japonês, agora em pleno desenvolvimento. Pena é que o nosso mercado, assobrado por dezenas de filmes americanos, ingleses e franceses se mantenha hermético para os japoneses, tão gracios e curiosos.

E não julguem que a Hollywood japonesa não possui as suas Garbos, Marlenes e Harlows. *Irie Takako* e *Sachiko Chiba* disfrutam, no país dos «samurais», de reputação tão considerável como qualquer das «estrelas» da pátria dos *Fords*, *Morgans* e *Rockfellers*.

Há mesmo quem compare *Sachiko Chiba* a *Greta Garbo*, não só pela maneira superiormente artística como trabalha, mas também pelo seu sorriso melancólico e pelo seu talhe de vespa.

Tenho-a aqui, defronte de mim, enquanto escrevo estas linhas, e juro-lhes que o seu «sex-appeal» mal se contém na fotografia. Parece querer saltar, tão vivo é! Envolva-a num «kimono» luxuosíssimo, com bordados caprichosos a representar flores. Um enorme trevo de quatro folhas (sem réclamo) destaca-se numa mancha tentadora.

Por sua vez, *Irie Takako* é uma sedutora actriz de vinte cinco anos, bem proporcionada, com uns olhos magníficos, perturbadores, capazes de enlouquecer todo e qualquer filho do Sol, e

que possui, a exemplo de *Sachiko Chiba*, uma tremenda dose de «sex-appeal».

Alguém que a avistou, deslizando com aquele passo miudinho, tipicamente oriental, achou-a tímida e reservada. Embora vestida com um traje de «sports» idêntico ao da exuberante *Marlene*, foi a custo que pronunciou algumas palavras e essas mesmo em voz baixa, lentamente, e com os olhos semi-cerrados.

Filha de aristocratas e detentora de um notável sentido artístico que, primeiramente, a encaminhou para a pintura, *Irie Takako* dirige hoje uma empresa cinematográfica (prova de que herdou o espírito comercial dos arquitectos do Japão moderno), escreve argumentos e preside às filmagens, das quais participa, é claro, como vedeta.

Hollywood, sempre alerta quando vê nascer qualquer «estrela» de valor nos firmamentos vizinhos, já lhe enviou calientes ofertas, bastante vantajosas até, mas que encontraram sempre da parte de *Irie Takako*, a mais formal e categórica recusa.

É que *Irie Takako*, japonesa 100 %, sabe que elevando o cinema japonês e valorizando-o com o seu trabalho, eleva e valoriza o seu país, facto, que lhe garante a admiração e estima dos compatriotas. E nesta época em que nem os *Saitos* escapam, embora ministros e almirantes, mais vale estar em graça do que ser «estrela» em Hollywood...

Algumas vedetas
do cinema alemão



Marika Rokk, que sucedeu a Kate von Nogy...



Irene von Meyendorff, a grande esperança...



Heli Finkenzeller, cuja voz é célebre



Paul Kemp, o excelente cómico

IMPRESSÕES SOBRE

“O TREVO DE 4 FOLHAS,”

FAZ hoje uma semana que se estreou no Tivoli o «Trevo de Quatro Folhas». O leitor não deve encontrar interesse em ler mais uma crítica que seria, por assim dizer, uma reedição das considerações já formuladas. Além de que, quando se trata de um filme português, todo o espectador é crítico, pelo próprio conhecimento que tem dos elementos necessários a uma ajustada apreciação: condições em que o trabalho foi realizando, valor dos intérpretes, etc. E ainda porque, como tudo o que é nacional é nosso, o espectáculo deixa de constituir apenas simples distração, para ser apreciado também como uma demonstração do que valemos ou, pelo menos, das possibilidades que acreditam o esforço futuro. Preferimos, pois, consignar aqui algumas breves impressões que, despretenciosamente, colhemos na noite da estreia. Tão despretenciosas como sinceras, porque não vemos razão para estar a tilubear ou, o que é pior, a usar de reticências, ao referirmo-nos a uma obra que não foi apresentada, evidentemente, com a pretensão de ser perfeita.

Ainda não há muito que, ao elogiar-se «Uma noite aconteceu», se disse que o filme não tinha defeitos. O facto dessa qualidade só excepcionalmente ser reconhecida, mostra bem que a produção estrangeira, igualmente, não é isenta de imperfeições evidentes. Muitas vezes a gente se admira por ter dado facilmente com falhas que escaparam à sagacidade dos melhores realizadores. É o paradoxo de a excessiva preocupação de «fazer bem» induzir em erro.

Não se suponha que esta referência ao filme americano signifique que esteja no nosso espírito fazer comparações absolutamente descabidas; a mesma lei de senso-comum nos leva a não empregar o vistosíssimo guarda-roupa de adjectivos, elevados ao superlativo, de uso tão frequente entre nós.

Sucede às vezes estar uma pessoa a ler uma crítica e julgar afinal que se trata da destocação dalguma flotilha de lorpedeiros ingleses: — Infalível, Corajoso, Formidável, Intrépido...

* * *

O público das estreias dos filmes portugueses é inconfindível. Maior adedaceação só a daquela guarda fiel que acompanharia o Sporting ou o Benfica ao fim do mundo, se lá houvesse um título ou uma taça a disputar.

E é assim desde o princípio: pronto a applaudir, a animar, a gritar — avante! A dar-se um fracasso, ele recairia mais depressa sobre a assistência, sobre todos nós — portugueses.

A importância do acontecimento, que é sempre o passo a mais dado pela nobre indústria, é expressivamente marcada pela presença de S. S. Ex.ª o Chefe do Estado e o Ministro da Educação Nacional.

A entrada apalpo o pulso à bilheteira: 42 graus... A lotação da primeira sema-

na está esgotada. Há muita gente que não aprecia cinema, mas nunca deixa de ir ver um filme português — pecado meio perdoado...

A grande certeza do cinema nacional — é o público.

* * *

O «Trevo de Quatro Folhas» é uma farsa, comédia a traço grosso, propicia à intervenção do elemento popular, sempre característico.

Pessoalmente preferíamos uma comédia com mais intenção, um pequeno conflito sentimental, ou o esboço duma figura construtiva de português 1936.

Por sua vez, o leitor gostaria naturalmente dum género diferente, e seria um nunca mais acabar de opiniões.

Não custa nada a aceitar a escolha feita.

As farsas vivem mais das situações criadas, dos equívocos que se dão, e da graça dos comentários. O enredo é sempre uma aneddotela, mais ou menos verosímil, que se arquitecta sem a preocupação de dar à máquina engendrada, aliceres sólidos.

Esta não falha a regra.

* * *

Dentro da ficção pura, pode-se admitir que o Zé Maria se pareça com todos os homens, sejam eles altos ou baixos, gordos ou magros, nacionais ou estrangeiros. Mas fica-se com pouca vontade de aceitar ainda uma sócia, que é coisa que só existe nos romances muito emaranhados.

* * *

Se tivemos já fotografia de muito boa classe, o registo do som tinha acusado até agora deficiências que havia a remediar.

O «Trevo de Quatro Folhas» oferece-nos uma esplêndida fotografia. As paisagens, as cenas ao ar livre, os interiores, tudo tem a luz própria. Há um pequeno episódio passado de noite, numa rua, que é uma prova de exame.

Progridiu-se muito na técnica da gravação do som. E ainda bem, porque é de enorme importância a interferência desse elemento no filme. Há que facilitar o sr. dr. Paulo de Brito Aranha pelo seu excelente trabalho.

Uma e uma vão assim caindo as barreiras que se opõem à marcha decisiva que leva ao bom campo onde já não haja dificuldades materiais que inibam o realizador de produzir o que quer para só nos dar aquilo que lhe foi possível conseguir!

* * *

A qualidade essencialmente cinematográfica da nova produção estão na sequência natural e lógica das imagens. A acção é fluente e observa um certo ritmo. As cenas decoram, em regra, o tempo necessário.

O diálogo de Lola com Zé Maria, a bordo do paquete, pareceu-nos longo; melhor teria sido torná-lo breve, não fosse Majalda constipar-se...

Muito simpática a inclusão no filme de alguns monumentos e paisagens nossos, com bom sentido de oportunidade. Aquilino Mendes fotografou-as, de forma a tornar essas imagens no número das melhores do filme.

As cenas da rua, a paragem na da pensão e o Carnaval no Teatro são outras tantas passagens que traduzem o valor da realização de Chianca de Garcia.

Meirowitz montou o filme de forma notável.

* * *

A frente da interpretação, destaca-se Nascimento Fernandes com pilhas de graça. A sua actuação no Portugal-Espanha não fica atrás da do «Bouboule» no desafio de rugby do «Rei dos Borlistas». E assim em todo o filme: tão à vontade, como no palco.

Procópio não tem físico para galã e representa melhor no palco do que na tela. No entanto, a média de admiradores entre Portugal e o Brasil deve deixá-lo satisfeito.

Beatriz Costa vai muito bem na Mamela, alfacinha ingénua, honesta, que ganha a vida trabalhando, coração só para uma pessoa — tipo português. O papel de Rosita é de menos responsabilidade.

Majalda dança e representa bem. O seu «sex-appeal» ganharia mais em ser insinuado do que dado com tão marcada intenção, mas esse senão não lhe pertence.

* * *

Os versos de algumas conções do filme são por demais literários, embora pretendam ser populares, como convinha. E dessa estilização popular resulta que só o «refrain» dos nove a zero é de cantarolar pelo povo; o resto não há maneira de fixar. E o que poderia constituir como que um hino do futebol resulta uma sequência de «imagens» arrevezadas, onde a poesia anda positivamente aos pontal-pés à bola...

* * *

Dois notas finais.

Maria Castelar não tem no papel de Lúcia ocasião de se demorar em frente da objectiva; o mesmo se deu nas Pupilas. Mas nem por muito madrugador amanhece mais cedo. A naturalidade dos seus gestos, o cuidado que põe na dicção, revelam que, sem ruído, ela se prepara para mais altos vãos.

A Canção da abertura, a do futebol e a da rua ouvem-se com muito agrado. Costinha canta um samba muito cario-cado. Mas do que gostámos mais foi do Fado que não tocaram.

Ainda bem!

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



UM FILME SÔBRE AS CINCO GÊMEAS DE DIONNE

HÁ dias, coíu-me sob os olhos uma espirotuosa caricatura a que não faltava filosofia. Mostrava três velhos, três gémeos, que se lamentavam do indifferença dos compatriotas à data do seu nascimento. «Viemos cedo demais» — carpia um deles — «se não ter-nos-iam festejado tanto como às gémeas de Dionne!...».

De facto, poucas crianças terão vindo ao mundo em condições tão invejáveis como os cinco gémeos canadenses. Nado lhes faltou nem os melhores ginecologistas, nem os mais estupendos instalações e recursos sanitários, nem o indispensável auxilio do Estado, orgulhoso de nos seus territórios ocorrer coincidência tão feliz. Foi-se até ao extremo de se construir um hospital especial para eles.

Contam-se por milhares as pessoas que têm ocorrido a contemplar os cinco monos: Mario, Emilio, Annette, Yvonne e Cecilia. É romaria obrigatório, no Canadá, o caso erigido em Colander, pelo Estado, para moradia dos encantadores gémeos.

O dr. Allan Roy Dofae, que fez o impossível para que eles sobrevivessem, declarou que casos como este dão-se apenas em um caso 57 milhões de pessoas que nascem. Nos últimos quinhentos anos registaram-se unicamente 32 casos e mesmo assim as crianças em questão tiveram uma só hora de vida.

No primeiro semano, os gémeos de Dionne resistiram graças a inalações de oxigénio e de dióxido de carbono. Pesavam, todas juntas, cinco quilos! O seu alimento principal era, além do leite materno, rum e xorope de trigo. Três enfermeiros cuidavam delas, assim como um governante.

Diariamente tomavam banhos de luz e eram auscultadas com inextinguível rigor pelo dr. Dofae, seu salvador, que por esse motivo se tornou credor do estimo e admiração de todos os canadenses.

Hoje, Maria, Emilio, Annette, Yvonne e Cecilia contam já dois anos. São traquinas como qualquer de nós éramos na sua idade. Seus pais, contudo, lamentam-se por vezes de tanta popularidade. Dão há em que ansiariam tê-los só para si e pensam então em fugir para longe, para a floresta virgem, onde os perigos e o infortúnio do percurso pusessem um barreira à curiosidade e à devoção do público pelos simpáticos petizes.

Porém, esses pensamentos momentâneos desaparecem, logo que se lembram de que os cinco gémeos não podem estar muito tempo

sem as cuidados do terno dr. Dofae, que ainda tem sobre os seus ombros a responsabilidade da saúde e da vida de Maria, Emilio, Annette, Yvonne e Cecilia.

E muita poucos médicos têm arcado com semelhante tarefa. Baste que o leitor figure o que represento cinco milhões de pessoas, pois tantos são os habitantes do Canadá, religiosamente debruçados sobre aquelas cinco creaturinhas, atentos ao menor deslize que possa perturbar o ritmo do seu crescimento e desenvolvimento...

* * *

O cinema que tem orgulho em registar tudo o que de relêvo se possa no mundo não quis deixar de nos mostrar na tela o novêlo destes cinco gémeos.

Digo novêlo porque, na verdade, as circunstâncias de que se rodearam o seu nasci-

mento, o persistência tenaz do dr. Dofae que, contra todas as opiniões, teimou em conservá-los o vido; o ansiedade dum território como o Canadá, tremendo o cada minuto de ver desaparecer o Mario, o Emilio, o Annette, o Yvonne ou o Cecilia; o transporte por avião, através dos maiores perigos, do sôro milagroso que, inoculado naqueles tenros corpinhos, lhes veio trazer novas energias; tudo isto é novêlo — novêlo humano, vivido e sofrido!

«The Country Doctor» é o filme, realizado pelo Fox, no qual figuram os cinco gémeos. Super-visionou-o o próprio dr. Allan Roy Dofae, que será personalizado na tela por Jean Hersholt, octor de vastos recursos que já vimos nos «Homens de blusa branca».

John Qualen e Aileen Carlyle serão os pais de Maria, Emilio, Annette, Yvonne e Cecilia. Dorothy Peterson fará o enfermeiro

dedicado que, nos primeiros momentos, tomava o cada segundo, com tremor os pulsos dos gemecinhos. Slim Summerville interpreta um policia simpático e, como habitualmente, espirotuoso.

Se disser às leitoras, o terminar, que os discutidos gémeos fizeram anos no passado dia 28 de Maio, sentirão decerto remorso de lhes não terem enviado um simples bilhete postal a dar-lhes os parabéns.

E se frisci este facto é porque sei que, entre os portugueses, há muitos que dariam tudo para alcançar, de uma só vez, tão supremo e encantadora felicidade: cinco gémeos, bonitos, raliços e buliçosos!

M. C.



Copyright, 1936, by NEA Service, Inc.

Carta a uma admiradora de HENRY GARAT

Minha senhora:

Estive tentado, o não satisfazer o seu pedido. Escrever sobre o Garot é uma dificuldade tremenda. Já toda a gente falou de Garot, já se disse tudo do pouco que havia para dizer e, além disso, o máximo do «forma» — na opinião da pública muda que frequenta o bilheteiro — já passou.

O «galã» do sempre lembrado — pela menos por couso do busino — «Caminho do Paraíso» já não faz furor, que é como quem diz que já não faz «receita».

Dá-se até o caso notável da por que chegou o ter grande fama — Lillion e Garot — começa o cair quando, individualmente, os seus elementos foram contratados para o América.

Diz o leitora, na sua carta, que ainda hoje se canto o valsa do «Congresso que Dança». É uma verdade. Mas garanto-lhe que para o dinheiro «cantor» na «guichet» dos bilhetes, com congressos e com danças, só se fôsse o Congresso do S. D. N., porque, enfim, sempre era uma dança que certamente faria rir.

Diz ainda, e com uma certa razão, que «Os Deuses Divertem-se» era um filme curiosíssimo, agradável, bem recebido pelos cinéfilos e pelos não muito cinéfilos, que é como quem diz por aqueles que, uma vez, em quinze dias, tiram à sorte o cinema a que hão de ir.

Apesar da razão que lhe dou, digo-lhe, no entanto, que o sucesso dos «Deuses Divertem-se» deve-se mais à novela com as suas bixorrias e o sua originalidade do que propriamente ao nome de Garot, quasi batido «aos pontas» pelo Bernard.

Porém, como é daquelas admiradoras certas, fideis por juramento ou, então, daquelas admiradoras incertas, variáveis como certas ventos, rotativa como certas portas, que na fim de darem um volta sobre si, voltam à primeira posição, como permaneceu fiel, ou acabou alguma rotação sobre o seu eixo de preferências cinéfilas pergunta-me se me lembra dos espectáculos que Garot deu no Gimnásio.

— Lembra-me muito mal dos espectáculos e muito bem dos «girls» porque estas, mesmo sem áculos verdes e encarnodas, fazem efeitos de autênticos «Audiscópias» tal era o relêvo do seu trabalho.

A leitora diz-me, ainda, ingenuamente, que teve ciúmes das «girls». Por quem é! Se o motivo dos ciúmes foi o Garot escuso de estar em cuidados. O pobre rapaz só penso na família, constituída pelo bebê Jorge, o mamã d'este e, com a família complementar: os cães, gatos, papagaios, que lhe enchem o caso, pintossilgos que lhe enchem milhetos gaiolas, e pardais que povoam os árvores do jardim.

É muito mais pacota do que julgo e tem mais paciência do que um polícia sinaleira pois consegue, durante três horas seguidas, fazer ginástica sueca. Quando está em caso, ou anda com Jorge às cavalitas, ou tira fotografias interiores, ou, então, — febre que o ataca muitas vezes — passo horas seguidas a dar migalhas aos peixes do Japão.

As vezes — não é sempre — tem a mania dos símbolos e, por isso, meteu as já falados peixes num aquário chinês.

Como gostava de ser electricista é ele que coloca os fusíveis novos e, quando se põe um tomado lá em casa, veste um mococo, arregaça as mangas e... fico-se a ver tra-



balhar o especialista previamente chamada. De vez em quando dá-lhe uma chave de parafusos e, mal a obra está concluída, para se convencer que trabalhou, deito-se o desconcor.

Todavia, com esta paciência toda, não estuda convenientemente certos assuntos e, depois de três anos esforçados, teve de abandonar o estudo de piano sem saber tocar nada... nem de ouvido.

Em compensação é, para jogos, um autêntica barra: desde o vulgar «bisca lambido» até ao britânico e inteligente «bridge» em tudo, ele, como se costuma dizer... «dá cartas».

Tem em casa, apenas três mulheres: duas seguras na parede e o terceiro «segura pelas cabelos». As duas primeiros são o mãe e um tio velho, em duas históricas fotografias; a última é o seu companheiro em carne, ósso... e vinagre.

Por aqui, pode o leitora avaliar o pouco razão dos seus ciúmes.

Quanto às «paixões mecânicas», como V. lhe chama, Garot tem bastantes, e costuma verificar o resistência das automóveis amachuçando-as de encontro às árvores do estrado, o que já lhe aconteceu 7 vezes. Ando a tirar, ou já tirou, o «brevet» de piloto aviador. Gosta muito da canoas-automóveis e de gramofones, mas segundo ele mesmo diz, o maior «paixão mecânica» da sua vida foi o Mistinguett, quando trabalhou com ela no Casino de Paris.

Os maiores prazeres que sentiu são relativamente recentes — o nascimento do filho e o êxito de quatro filmes que estima sobre todas as outras: «O Caminho do Paraíso» — seu primeira grande sucesso — «Os Ordens de Vossa Alteza» «O Congresso que Dança» e «Que Rapaz Encantador».

E, embora o leitora optimisticamente não me pergunte por eles, sempre lhe quero falar, para estabelecer equilibrio, nas desgostos de Henri Garot. Pelo menos naqueles que rezem os crónicos.

Se alguém, farto do seu preferido golã, fala naquela octriz que durante uma representação, recebeu o noticia de lhe ter morrido o filho, ou em qualquer tragédia semelhante, Garot lembra logo, muito sério e convicto, que também, durante as filmagens de «Onde Está Minha Mulher?», lhe deram o novo de ter morrido a seu saúdoso loba de Alsácia...

É que, esta morte, foi um dos maiores desgostos do seu vida: chegou o emagrecer seis quilos.

O última choque trágico que sofreu teve aspectos de comovente altruísmo. Havia, no precioso colecção coral das loiças chinesas de Garot, um monumental bulc cujo uso era constituido pelo dragão mais satânico que imaginar se posso. A peça era de preço. Um belo dia ao entrar em casa, Jorge chorava porque queria o dragão. Não lho deram. Chorou o noite toda. Chorou todo o dia. Candeado Garot, socorre-se do água de flor de laranja, fecha os olhos e dá o bulc ao menino que, acto continuo, o esmigalha no chão... continuando a chorar.

Foi esta a hora triste n.º 2 de Henri Garot. E, embora não seja um ideal este de acabar pelos desgostos, com esta me fico, presada leitora.

Cria-me sempre ao seu dispor e receba os cumprimentos de quantos trabalham neste jornal.

FERNANDO GARCIA

KAREN Morley é um exemplo vivo de audácia e tenacidade.

Todos os que sonham com esse mundo de falsas luminárias, onde as decepções vivem em constante redemoinho, que é o cinema, devem atentar um pouco na vida desta mulher que tudo renegou em prol duma Arte que a seduziu.

Fracassos e dissabores, triunfos e alegrias, desânimos e esperanças — tudo Karen Morley tem conhecido.

Hoje o travo amargo dum ruir de ilusões; amanhã a certeza felicíssima de que o seu valor é grande e que a sua animosidade forte tem jus a uma glorificação que a compense dum passado repleto de sacrifícios.

Quando Karen abandonou a sua cidade natal, que ficava perdida na costa leste da América, debruçada sobre o Atlântico, para se dirigir a Hollywood, não era a ideia do cinema que a atraía para a capital das estrelas.

Então, as suas ambições andavam bem longe dos campos da Arte.

Os padecimentos da humanidade, os seus males e as suas dores, encontravam nesta deliciosa rapariguinha uma devotada apaziguadora.

As suas aspirações eram simples e belas. Queria ser médica...

Desde garota que tal ideia lhe brincava no cérebro, crescendo de dia para dia, arregaçando-se no seu coração bom e amigo.

Na Universidade de High School, em Hollywood, tinha Karen uma pessoa de família com bastante influência.

No desejo de buscar um auxílio na sua carreira deveras espinhosa, onde os obstáculos surgem assiduamente, Karen para ali foi fazer os seus estudos.

Ela nunca pensara no teatro...

Mas a Babel cinematográfica arrastou-a no seu turbilhão!

E Karen Morley em breve esquecia a doutrina transcendente e bela do seu curso, para se entregar ao tablado.

O que de início fôra simples amadorismo, um motivo de distração, converteu-se na mais forte paixão desta rapariga loura.

Quando pegava na anatomia, Karen era forçada a reconhecer que estudava com muito mais entusiasmo os papéis a representar, do que as lições a fazer ante os lentes.

Foi então que num rasgo de consciência, abdicando de princípios cabotinos, decidiu abraçar declaradamente a carreira teatral e deixar morrer o seu sonho de criança.

Todavia, Karen não lograva alcançar o triunfo que ambicionava. Sofria, ao pensar que nunca viria a passar duma artista de segunda categoria.

O cinema tentou-a.

Dirigiu-se a um agente cinematográfico, que a apresentou a Clarence Brown, da Metro Goldwyn Mayer. O filme foi longo, minucioso e difícil.



papéis que lhe dão, não receando ir contra as ideias dos realizadores.

Foi por isso que Ernst Lubitsch dispensou os seus trabalhos no filme «O Homem que eu matei», substituindo-a por Nancy Carol. Karen não se conformava com certas passagens do diálogo, e teve a franqueza de o dizer a Lubitsch, que se sentiu magoado com as censuras duma novata. No entanto, hoje, são dois bons amigos, e ao recordarem aquele incidente que originou que ela não empareilhasse com Philip Holmes, Karen diz, com um sorriso:

«Eu pensava-o suficientemente inteligente para permitir que lhe apresentasse a minha opinião sobre um papel que me era destinado.»

Hoje a voluntariedade de Karen Morley guindou-a a um plano de destaque no movimento cinematográfico. O seu primeiro papel de valor foi em *Scarface*, ao lado de Paul Muni.

E recentemente foi com grande satisfação que todos os cinéfilos a voltaram a ver no *Pão nosso de cada dia*...

ANTÔNIO FEIO



A ARTISTA MAIS CULTA DE HOLLYWOOD



UMA NOITE NA ÓPERA

O FILME VITÓ-
RIOS, EM COM-
PETIÇÃO DE CO-
MICIDADE, EM
CONCORRÊNCIA
COM OS MAIORES
EXITOS DE GAR-
GALHADA DE
TODOS OS TEM-
* * * POS! * * *

AS INENARRA-
VEIS AVENTU-
RAS DOS

3 IRMÃOS MARX

A BORDO DUM
PAQUETE E NUM
PALCO DE TEA-
TRO DE ÓPERA

Uma grande comédia-farsa do Ano Máximo da Metro-Goldwyn-Mayer



QUANDO se anuncia o «intervalo de 10 minutos» e se acendem as luzes há ocasiões em que me conservo no meu poslo de «borlistas» (isto é: num daqueles lugares vagos, lá na frente, junto ao «écran») não com o fim de ver quem está, mas com o de observar como se está. Nunca me escapa à observação o parquinho típico dos nossos cinemas — a menina deliciosa e o cinéfilo de bons fatos — por aquilo que oferece de característico. Mas não vem para aqui o escalpeltar a vida de cada um, de resto coisa natural e corrente.

Todavia aquele parquinho (aparece em todos os cinemas e todas as noites, como o leitor pode verificar), tem-me dado muito que pensar, mais pelas particularidades dos seus actos insignificantes do que pelos pormenores das suas atitudes estudadas.

Há dias, surpreendi-lhe uma conversa. Dizia ela: «Vês aquele rapaz magro? Entrou connosco; mostrou um «cartão» e deixaram-no passar». E ele respondeu: «É um «borlista». O diálogo ficou em suspenso, durante alguns minutos, ou porque faltasse assunto ou porque houvesse algum vestido novo em exposição... Não me foi possível averiguar o verdadeiro motivo. O caso é que, daí a pouco, ele continuou: «São uns felizardos, os «borlistas»: ao que ela retorquiu: «vêem cinema «de borlas! Tem sorte». Depois, o parquinho emudeceu novamente, a campainha tocou, as luzes apagaram-se, a fila correu e eu vi cinema... «de borlas».

Sou um felizardo!

A saída ouvi, atrás de mim, num tom baixinho e discreto: «O borlista» vai aqui...». Olhei de soslaio. Eram «eles»... Se estivesse de bom maré, tinha-lhes falado. Mas guardei para melhor oportu-

nidade o que tinha a dizer-lhes. Para isso, aqui estou...

Ver filas «de borlas», confesso-o, é prático e agradável, quando é. O velho lugar comum de que nem tudo são rosas nunca veio tanto a propósito. O nosso caso é, como qualquer outro, cheio de espinhos.

O primeiro precalço a que estamos sujeitos é o de nos esquecermos do cartão em casa. Quando transpomos a porta de entrada, rebuscamos inutilmente as algibeiras, na esperança de encontrarmos o que lá não está... Além de nós, vem o parquinho característico, que aventura um sorriso discreto e malicioso, enquanto nos desfazemos em explicações ao porteiro, cuja única finalidade é a de convencerem os presentes do nosso esquecimento...

Entretanto, junta-se muita gente e o porteiro pede-nos, com amabilidade, «para deixarmos entrar quem tem bilhetes». O cinéfilo de bons fatos e a menina deliciosa seguem o seu caminho, nessa altura já sem inveja do nosso «livre-trânsito», mas com um desprazo pela nossa pessoa, na qualidade de «borlistas»...

Ao retirarmo-nos, todos os olhos convergem sobre nós, como se estivéssemos ali a mais. Sentimo-nos comprometidos... Somos uns felizardos...

No dia seguinte, usamos de todas as cautelas para não repetirmos o esquecimento e voltamos ao cinema. Quando em tramos, vai na bicha... (adivinhem quem?!)... uma deliciosa rapariga e um cinéfilo bem vestido. Ocorre-nos a cena do dia anterior e exibimos o «livre-trânsito» quase com espalhato, como quem diz: «Como vêm, não mentimos! Ele aqui está». Todavia, nunca pudemos pre-

ver que o porteiro, compondo uma expressão tão prazenteira quanto possível, nos responderia: «Queira desculpar, mas estão rigorosamente suspensas as entradas de favores». Já vontade de barafustar, mas falta-nos a coragem. Se ao menos pudéssemos sumir-nos pelo chão abaixo... Mas quê! O chão é duro e sem alcapões providenciais, como nas mágoas. Não há outro remédio senão suportar, a sangue-frio, os malévols sorrisos do parquinho, mais malicioso do que nunca, e enfrentar os olhares frios e irónicos da turba, que se acolovela à porta de entrada.

Como o leitor pode deduzir, nós, os «borlistas», somos uns felizardos...

Em geral, as duas ou três filas mais chegadas à tela estão vazias. São esses os lugares mais indicados para o «borlista». Nessas paragens, os dissabores são mínimos, mas nem por isso estamos seguros. Quando menos esperamos surge o senhor fiscal — um senhor curioso — que nos inlma à queimadura: «Mostre-me o seu bilhete, se faz favor». A menina deliciosa e o cinéfilo de bons fatos estão quase a rebentar de riso, aulevando as delicias de mais uma triste figura. E não temos outro remédio senão o de exibirmos o «livre-trânsito» salvador.

Por vezes não há cartão. Entrámos pela «porta de serviços» mercê da gentileza dum amigo que nos levou até à plateia dizendo ao porteiro: «Este senhor pode entrar».

De forma que, ao aparecer o fiscal, já sabemos que vai haver tragédia. Ele está no seu direito de duvidar e nós somos obrigados a prestar declarações, muito contra nossa vontade e embora isso dê muito nas vistas. Nessa altura o parquinho rebenta mesmo com riso.

Nós, os «borlistas», somos uns felizardos...

Há um caso mais intrincado, em circunstâncias idênticas, que excede todos os limites da atrapalhação. É o do «borlista» eventual que adquiriu um bilhete «promoteiro». O expediente é muito usado. O pior é que o fiscal começa por nos dizer: «O seu lugar não é aqui, mas sim lá atrás», e dito em voz tão elevada e com um tom tão autoritário, que nos sentimos amesquinhaados. Há discussão, e não evitamos a vergonha de ouvir, em dobrado, os risos da menina deliciosa e do cinéfilo bem vestido.

Os «borlistas» são uns felizardos...

Se a casa se esgota é que são elas. Não há onde nos sentar e do «peão» transbordante, não se consegue ver nada em termos. Há um recurso: as portas de entrada. Encolhemo-nos a um canto e vemos a fila a pé firme. Entretanto, o porteiro, que também vê cinema nas mesmas condições, adverte-nos de que os bombeiros querem as portas desimpedidas para facilitar a saída em caso de sinistro. Combinamos com ele ocuparmos o nosso pósto enquanto não houver incêndio ou os bombeiros não aparecerem. Todavia, acontece que há bombeiros uns mais escrupulosos do que outros, e o porteiro esquece-se de nos advertir do facto.

Escusado dizer ao leitor que nessas circunstâncias resolvemos sair e voltar noutro dia.

A saída espera-nos uma surpresa. Como é de bom tom chegar tarde e incomodar toda a gente, com o barulho, com a passagem e com o holofote do porteiro, — o cinéfilo e a menina vêm a entrar. Levamos o aborrecimento estampado no rosto, mau grado nosso, e como, a pesar de tudo, a menina é perspicaz, ouvimo-la dizer: «Olha, o borlista vai-se embora. Ao que o cinéfilo responde conselheiral: «ou não há lugar, ou se aborreceu».

Pudera! Que novidade! Se tivéssemos cinco réis, na algibeira, oferecíamos-lhos. Mas os «borlistas», em geral, não têm cinco réis — são uns felizardos...

RAÚL FONSECA

CARTA DO PORTO

Cinemas unidos

O velho cinema Batalha — o salão de mais antigas e curiosas tradições — e o novo Carlos Alberto — o cinema popular de mais recente inauguração — fizeram um curioso acordo que lhes permite melhorias consideravelmente — e em excepcionais condições de concorrência — os seus espectáculos cinematográficos.

Assim, desde há dias, ambos os cinemas apresentam simultaneamente os mesmos programas, o que permite aos alunos um duplo rendimento, sem aumento de despesa.

Dada a situação dos locais em que se encontram os dois cinemas e em virtude até da diferença do público que os frequenta, nenhuma influência exerce na exploração de qualquer deles, em separado, o facto de exibirem os mesmos filmes.

O «Trevo» no Pôrto

Como sempre que se apresenta um filme português — e isto já vem de há tantos anos — as opiniões do público anónimo, do público que aprecia tudo com maior dose de cepticismo do que de optimismo, divergem duma forma assustadora. O caso repetin-se com as apreciações do «Trevo de Quatro Folhas».

Suscitam-se discussões, por vezes acaloradíssimas, exaltam-se os mais entusiastas e a verdade quase sempre é que as obras que dissecam não são tão boas como o querem uns, nem tão más como o pretendem outros.

No entanto, essa diversidade de opiniões — visto que só pode ter critério quem tem conhecimentos — demonstra, e de forma iniludível, o entusiasmo que este filme inspirou.

Isto deve ser motivo de grande satisfação para quem se abalança a esta empresa, mais árdua que arriscada, visto que a melhor balança a avaliar — embora de certo modo errôneo — o mérito do filme, seria o tempo da sua exibição do cartaz.

De forma alguma esta bitola anula ou diminui o veredicto da crítica, mas a verdade é que o que se pretende fazer, por enquanto, em Portugal, em matéria cinematográfica, assim como, de um modo geral, em todo o mundo, é apenas o negócio do cinema português.

E não consta, que nós saibamos, que o «Trevo de Quatro Folhas» fosse produzido, apenas com o fito de nos darem uma pura demonstração estética.

Os Audioscópicos

Não despertou grande entusiasmo, entre o público, a apresentação nesta cidade dos Audioscópicos.

A- pesar- de ser a primeira tentativa do cinema sonoro em relvêo, o que já de si é em grande atractivo, parece-nos que o réclamo feito não foi o suficiente para despertar a precisa curiosidade.

No entanto, a verdade é que o grande motivo, a principal razão, dêste desinteresse se deve ao adiantado da época.

Dificilmente nesta altura do ano, nesta cidade, pode qualquer filme, a não ser de extraordinária envergadura, fazer encareirar para os cinemas aqueles caudais de espectadores que muitas vezes se verifica em pleno inverno, e tantas vezes sem grande justificação.

O verão e os cinemas populares

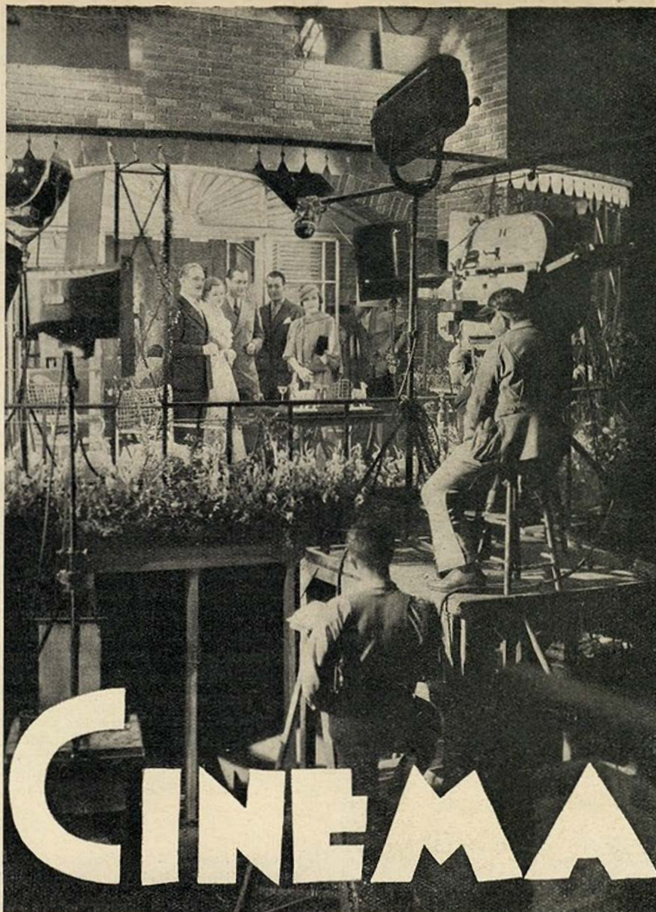
A despeito da época, verifica-se que nenhuma quebra de frequência se verifica nos cinemas populares.

Se a razão é derivada da modicidade dos preços, se na variedade dos programas, é o que procuraremos verificar em breve reportagem a estes salões, onde o público continua acoorrendo com uma assiduidade muito louvável.

CARLOS MOREIRA

COM este século de ilusões e de iludidos o Cinema—a Arte da Ilusão por excelência—coaduna-se por tal forma que impera domina duma maneira assombrosa, sejam quais forem as raças, os países ou os credos políticos e religiosos. Por vezes, chego-me a convencer de que o cinema está tão incutido nos hábitos das gentes que já faz parte integrante dos géneros de primeira necessidade. Está quasi tão inveterado nos usos e costumes como o café e o tabaco.

Posso mesmo escrever esta frase de efeito: O cinema é o tónico do século. É inegável que nós, hoje em dia, possuímos uma noção muito mais nítida do que é a vida do que o os nossos bisavós, esses velhos simpáticos que conhecemos através dum retrato amarelado. Costuma-se atribuir este conhecimento aos livros de viagens, à instrução, aos jornais e à facilidade de meios de comunicação. Tudo isto é verdade, mas se pensarmos dois segundos, a quem devemos mn melhor conhecimento deste planeta em que habita o homem — a mais fera de todas as feras de todos os tempos — é ao cinema. Os livros de viagens não podem dar uma noção comparável à das imagens cinematográficas; nem a instrução; nem os jornais. As viagens já são muito mais fáceis de debaixo de todos os aspectos mas continuam inacessíveis para a maioria. O cinema é indiscutivelmente o grande informador da civilização contemporânea desde brienta a occidente; foi ele que nos doou com uma noção nítida — e por vezes detalhada — dos costumes dos povos, dos hábitos dos animais, dos mais célebres acidentes naturais com os nomes retacionados à ciência, das últimas novidades da civilização, fêz-nos assistir a guerras remotas, e factos distantes, levou-nos ao fundo dos mares, proporcionou-nos a visão nítida do que é o Colorado visto das alturas, sabemos como se fabricam lâmpadas eléctricas e assistimos à conquista da Abissínia. Conhecemos perfeitamente o Bois de Bologne, os Campos Elisios e outros pontos de Paris e, na América, sabemos com precisão onde fica a estalua da Liberdade e o Empire Building.



CINEMA

Mas as imagens que nos conseguiram incutir muitas destas noções são falsas, são ilusórias!

O facto não é segredo, nem necessita de o ser: muito pelo contrário.

O público admite a ilusão por vários motivos. E o principal é ser ele um dos grandes beneficiados. Para mais estava habituado ao espectáculo teatral em que existia a ilusão e esta, por várias razões, sempre menos convincente do que a ilusão cinematográfica. Por meio do truque e da ficção conseguimos imagens mais valiosas, com mais interesse e mais originais, sem prejuizo da verdade aparente que nos convence e emociona.

Quantas e quantas maravilhas os truques nos têm proporcionado?

Assistimos à luta, no fundo do mar, entre um polvo enorme e um mergulhador ou entre um tigre e uma gibóia, em plena selva; a primeira foi filmada num aquário, e a última no estúdio com um tigre domesticado, mas o espectáculo que se conseguiu foi emocionante e revelou-nos algo de novo.

Apresentam-nos cenas passadas nas regiões polares com formidáveis icebergs e icefields que são feitas em Hollywood e outras em ilhas da Polinésia... dentro do estúdio.

Isto para não falar nos espectáculos de imaginação em que nos mostram a ligação entre a Europa e América por meio dum túnel submarino ou o «King-Kong» no cimo dmn arranha-céus a apanhar aviões.

Ainda há poucos meses estive no Tejo Pierre Chenal, a bordo do *Elseneur*, e filmou algumas vistas panorâmicas do nosso rio, como sendo o Tamisa.

E ainda o mês passado vieram a Portugal dois alemães mandados por Harry Piel que focaram paisagens, determinadas casas e ruas e assim vão fazer em Berlim, em pleno estúdio, um filme cuja acção se passa inteiramente em Lisboa.

Será construído em Berlim tudo o que for necessário de forma a ter-se a ilusão perfeita que a acção se passa na capital do nosso país. Para que tal se consiga bastou que viessem visitar-nos dois

(Conclui na página 14)



Arte da ilusão!



E STAMOS em 1932. Os jogos olímpicos de Los Angeles despertam a curiosidade do povo. Uma enorme multidão aguarda a passagem do cortejo. Desfilam os primeiros carros. Os fotógrafos preparam as máquinas, os operadores cinematográficos escolhem os ângulos.

A bela cidade de Pasadena, também, enviara as suas representantes. Uma delas, Mae Green, causa sensação. Os seus olhos, dum negro brilhante e o seu corpo escultural, aliados a uma beleza invulgar, atraem a atenção do público. Mae Green torna-se alvo de todos os olhares.

No dia seguinte, os periódicos enchem as páginas com fotografias das grandes festas. Mae Green destaca-se de tal maneira, que um alto funcionário dum estúdio se interessa por aquela pequena, de olhar travesso e de sorriso provocante. Não lhe foi difícil saber a sua morada. Como todas as raparigas que tomaram parte nos Jogos haviam encomendado fotografias, como recordação e recomendado para que lhas enviassem para as respectivas residências. Tornou-se fácil encontrar a simpática Mae. Propôs-lhe um contrato para ingressar num filme, uma vez que as provas cinematográficas, a que iria ser su-

geita, agradassem. Mae Green seria baptizada com o nome de Jean Parker.

Fizeram-se as provas. Jean (já lhe podemos chamar assim) agradou. Um vantajoso contrato assegurou-lhe um futuro

risonho e belo, apesar do trabalho que a nova carreira lhe trazia.

Jean Parker tinha, então, 16 anos. Necessitava de continuar os estudos. A Metro inscreveu-a na escola do estúdio, onde teve como colega, e um colega aplicado, o pequeno-grande artista Ted Alexander. Ambos trabalharam em «Rapustine e a Imperatriz», para estreia de Jean, ao lado dos três irmãos Barrymore.

Naquele filme, Jean Parker patenteou o seu talento, apesar do pequeno papel que lhe foi entregue.

«Miss» Parker estudava em Hollywood e ia fazer exames a Pasadena, onde tirou a carta do curso.

Leva a vida duma rapariga livre. Entende que só desilam as pessoas que se deixam deslizar. A rapariga moderna, livre de preconceitos, desempoeirada de ideias, estuda e trabalha, ri e salta. Deve guiar-se sózinha. Nada de acanhamentos, nem de doidices. Tudo no seu lugar. É a opinião de Jean Parker.

Sua família, ao contrário do que sucede com muitas, vive afastada da cidade do cinema. Procura, simplesmente, o bem-estar de sua filha. Dá-lhe conselhos, mostrou-lhe as amarguras da vida, ajudou a encaminhar os seus primeiros passos na arte que a chamou, e da qual ela, em breve, seria uma estrela fulgurante.

Não é difícil adivinhar os sonhos de Jean. Tão nova, duma beleza cativante, capaz de conquistar qualquer coração de granito, pensando que a sua imagem percorrerá o mundo inteiro, sente-se uma Deusa, uma rainha dos contos de

fadas. Sonha em voz alta com os livros de estudos e com os conselhos dos realizadores. Nunca na sua mente lhe passara a ideia de um dia vir a ser estrela, e uma estrela de brilho:

Quando acompanhada da família ia a qualquer cinema, sentia-se feliz, admirando na tela as grandes figuras da sétima arte.

Quem lhe diria que mais tarde, ela seria admirada, também, e, talvez, naquele mesmo ecran?!

No segundo filme de Jean Parker, viu-na ao lado de Jackie Cooper, tendo em seguida filmado com Irene Dunne e Philips Holmes. Ainda nestas fitas os seus papéis foram pequenos, tendo, no entanto, agradado à crítica e ao público.

Há bem pouco tempo exibiu o S. Luiz «Sequoia», filme dum encanto comovente, onde Jean Parker desempenhava a principal figura. Trabalho felicíssimo, que mereceu as mais rasgadas referências.

Jean Parker portou-se à altura duma grande artista.

Chester M. Franklin encontrou em Jean a protagonista ideal para «Sequoia». A forma deliciosamente bela como compoz a ingénua personagem do filme, tornou-a uma das mais cativantes ingénuas do cinema.

«Nas quatro irmãs», Jean desempenha um papel lindo, e não perde as qualidades que a impuseram no seu último trabalho.

Jean Parker, num concurso realizado por uma revista cinematográfica americana, obteve, o ano passado, o título da actriz mais elegante de Hollywood.

Para nós, Jean Parker, sintetisa o amor personificado. Por lhe querermos tanto é que lhe dedicamos esta página do Cine-Jornal.

SANTOS MENDES

« Miss Sequoia »



Os nossos Filmes

ERA em 1917... A guerra europeia estava no seu auge. Não se sabia nem se adivinhava quem seriam os vencedores do medonho conflito. Mas então a América, com todo o seu peso, veio fazer oscilar os pratos da balança...

Nos primeiros momentos, depois da entrada da América no conflito, reinou grande azáfama nas várias repartições de espionagem e contra-espionagem, que não estavam preparadas com lódas as artimanhas e astúcias e aparelhagens necessárias para o que se ia passar. Veio então de Inglaterra um oficial superior do «Intelligence Service», que organizou essa nova frente de batalha, distante das primeiras linhas, mas onde a luta era tão dramática e pungente como ali: passagens secretas, especialistas em criptografia, químicos célebres, analisando até o próprio correio diplomático, salas onde eram revistas e fotografadas todas as cartas suspeitas do estrangeiro — batalha silenciosa contra o inimigo oculto, cheia de perigos e traições.

William Gordon, que até ali fora editor de uma revista charadística, entretenimento para que tinha especial vocação, acabava de se alistar no exército de voluntários, que se destinava a França.

Orgulhoso do seu novo uniforme de tenente, estava impaciente por pisar terras de França... Mas nos olhos bonitos, que passaram, não deixaram de o interessar. Joel Carter a sua detentora era uma bonita rapariga, cheia de espírito. Aos galanteios de Carter respondeu com bom humor e simpatia... Passam alegremente algumas horas, até que Joel sabe que William Carter irá partir para França, no dia seguinte.

Mas, no dia seguinte, com grande espanto seu, o tenente William Carter, é chamado ao Ministério da Guerra, e colocado, por ordem superior, na Secretaria da Repartição de Contra-espionagem. Isto não deixa de o contrariar bastante, sabido que Carter, homem de acção, desejava unicamente partir para a batalha... E maior ainda é a sua raiva quando sabe, que a sua nova situação fora arranjada por Joel. Na qualidade



CÓDIGO SECRETO

de sobrinha do Sub-Secretário da Guerra, movera todas as influências, para que o tenente Gordon não partisse para a guerra.

Entretanto, a espionagem inimiga exerce enorme actividade, interessada, como está, em que os efectivos americanos não cheguem à Europa, onde a sua acção será decisiva... Tem-se a sensação absoluta, dentro do Gabinete da Guerra, que o inimigo está ao facto de todas as ordens e manobras, por mais secretas que sejam... Os códigos secretos, de que se serviam, deviam ter cópias nas mãos do inimigo, sabido que todas as ordens encontravam o inimigo de sobreaviso. Vários barcos foram afundados, quando seguiam uma misteriosa rota, que só o próprio governo americano deveria saber. Era preciso pôr cõbo a uma tal situação. Brennan, o organizador da contra-espionagem americana, estuda um novo código secreto, de que só faz quatro cópias... E a fim de verificar se o inimigo será incapaz de o decifrar, ordena a saída de um barco de munições, com destino a França, transmitindo essa ordem, para toda a parte, pelo novo código Brennan... Se o barco chegar ao seu destino, estará provado que o código poderá continuar em uso...

William Gordon, pede aos seus superiores que o deixem seguir para a frente de batalha, em lugar de o terem amarrado a uma secretária... Como nessa ocasião tinham sido interceptados uns telegramas em cifra, que se tornam suspeitos, e que se tinham tentado inutilmente traduzir, o Secretário da Guerra promete aquiescer ao pedido de Gordon.

don, se lhe conseguir encontrar a chave do código inimigo. Ante tal incentivo, Gordon trabalha com afinco, perdendo as noites com as esfingicas mensagens, forçando o cérebro e toda a sua vontade a encontrar a solução do enigma. Com o auxílio das várias aparelhagens científicas experimenta, chave sobre chave, algumas mensagens. Finalmente, consegue o seu objectivo. O código está descoberto... Mas, pelas comunicações surpreendidas, sabe-se que o inimigo conhece também o código Brennan. E os transportes cheios de tropas americanas já iam no alto mar, pois pelas experiências tentadas julgava-se indecifrável o código Brennan...

Premiando o seu trabalho na decifração das mensagens inimigas, para o que muito o auxiliara além da natural intuição o seu antigo mister charadístico, o Ministério da Guerra, nomeia-o chefe da Secção de contra-espionagem, onde a sua habilidade triunfa, e onde a única contrariedade para Gordon é a presença frequente de Joel, que não desesprou de se fazer amar.

Um dia Brennan é assassinado, quando tentava saber quem teria confiado uma das quatro cópias do seu código ao inimigo... Gordon, de pista em pista, chega até perto de Olivia, uma linda mulher, que fora das relações de Brennan... Para conseguir os seus fins, Gordon corteja-a, ostensivamente, com grande desespero de Joel, que começa a sentir verdadeiro ciúme. E, quando uma tarde ouve Gordon marear uma entrevista à mulher que detesta, Joel sem hesitação, deita um narcótico no café de Gordon.

Entretanto, é captada uma ordem cifrada num novo código do inimigo. É necessário que essa ordem seja compreendida. Gordon deita-se à tarefa árdua. Mas quando o seu cérebro trabalha intensamente, Gordon sente insensivelmente, um torpor invadi-lo, obscurecendo a razão. Luta com todas as suas forças contra o efeito do narcótico, mas só em vagos lampejos o seu espírito triunfa, por vezes, do efeito supridor da mistura, que Joel lhe ministrara. Num desses relâmpagos da razão, um pequeno detalhe, permite-lhe descobrir o segredo, enquanto, o corpo vencido, o cérebro esgotado, Gordon tomba, sem conhecimento.

No dia seguinte, Gordon, vai procurar Olivia. Joel sempre ciumenta segue-o... Mas os aposentos de Olivia estão instalados num hotel, que é o quartel geral da espionagem inimiga. Gordon e Joel são ambos aprisionados, e levados para aposentos diferentes, onde os torturam a fim de que revelem os segredos de Estado. Por um ardil, Gordon consegue que seja o próprio inimigo a dar o alarme à polícia. E quando vê por uma janela que, num aposento contíguo estão maltratando Joel, por quem apesar de todas as contrariedades, senteterna afeição, Gordon, surpreende os inimigos, consegue após tremenda luta, salvar-se e libertar a ciumenta rapariga. E o traidor que comunicara ao inimigo o código secreto, um adido da embaixada russa, ao ver-se descoberto, suicida-se.

William Gordon parte finalmente para França, mas depois de ter casado com Joel, que o esperará no regresso!

U. AZEVEIRO DIAS



Gordon (William Powell) recebe várias vezes a visita de Joel (Rosalind Russell)

Cinema, arte de ilusão!

(Continuação da pág. 11)

assistentes que, conhecedores de todos os pormenores da película, colheram os elementos necessários em cinco ou seis dias. Com esses elementos um punhado de homens vão conseguir levantar alguns locais de Lisboa em que se desenvolvem as cenas movimentadas entre o tal boxeur que segue para a América a bordo dum navio que aportou ao Tejo e uma quadrilha que procura impedir que o desportista prossiga viagem.

A-pesar-de ilusão vai-nos ser agradável ver Lisboa no filme de Harry Piel e para os estrangeiros também, pois ficam conhecendo uma cidade com características novas ou pelo menos inexploradas.

E é assim a maior parte das vezes e é assim sempre. Se não são umas coisas fictícias são outras: a acção passa-se realmente na selva, mas a travessia do rio pejado de crocodilos, a nado, pelo protagonista, é falsa; o deserto infinito dável que se nos depara é uma parede pintada habilidosamente...

E reparai nas fotos que ilustram este artigo. Em cima a Mirna Loy e o Montgomery parecem estar nessa janela contemplando uma paisagem maravilhosa... e afinal fitam um grupo de técnicos que os focam e fotografam de todos os lados; em baixo certa «gare» cheia de ambiente, ampla, com carruagens de verdade sobre carris autênticos que vos convence da autenticidade das que não passa de mera ilusão.

E é assim a vida; e é assim o século. Eis indirectamente confirmada a razão porque é conveniente saber-se que na cinematografia se empregam constantemente truques. O facto de respeitarem e reproduzirem com exactidão a verdade é que não prejudica a noção espectacular, pelo contrário, muitas vezes valoriza-a.

É esta valorização que criou entre o público uma simpatia sincera pelo fictício que nos consegue emocionar sobremaneira.

TAVARES FERNANDES



Espinhas, Pontos pretos, rugas, verrugas, manchas, sardas e cicatrizes, desaparecem rapidamente com produtos e tratamentos sob a direcção médica, na

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35 — Tel. 21866
LISBOA

As composições gráficas das páginas desta revista são de
RAUL FARIA DA FONSECA

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Condição do Rio, 27

Telefone 2.1346 e 2.1227

Comp. Impressão e Gravuras BERTAND (Irmãos), Lda

Trav. da Condição do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano	48\$00
25 " 6 meses	24\$00
12 " 3 meses	12\$00
Estrangeiro e Colónias: 52 num. 1 ano	65\$00



Quando casámos, meu marido gostava da minha pele clara e esplêndida — o género de pele que emociona todos os homens.



Estava desesperada — quando li um artigo acerca do novo Creme Tokalon, contendo Bioel, maravilhosa descoberta. Comprei imediatamente Creme Tokalon e reconquistei quase em seguida toda a sedutora beleza de que o meu marido tanto gostava.



Após 3 dias somente eu parecia outra mulher. — Com uma pele clara tornando-me jovem e desejável. O meu marido enamorado — se perdidamente de mim. Graças ao Creme Tokalon tornei a encontrar a felicidade e o amor.

VÓS PODEIS TAMBÉM TER A BELEZA QUE AGRADA AOS CAVALHEIROS



O Creme Tokalon contém agora «Bioel» extracto excessivamente concentrado, obtido de jovens animais e que rejuvenesce realmente uma pele envelhecida e estragada. Graças ao seu uso, as mulheres de 50 anos, ou mesmo de 60, podem obter uma tez que poderá fazer inveja a muitas jovens. Felizes resultados são garantidos, senão o vosso dinheiro ser-vos-á restituído.

À venda nos bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon (Secção C. J.) — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.



A senhora de hoje não pode dispensar o aptofone, porque só ele a põe em comunicação constante com seu marido, com as suas relações, com a sua modista, o seu cabeleireiro, os seus fornecedores, etc.

Desloca o aptofone da sua salinha para o seu «boudoir», ou para outra qualquer dependência com a maior facilidade.

O aptofone tem uma linha elegante que se adapta a todos os estilos, a tôdas as cores ambientes, porque o aptofone será branco, rosa, azul, conforme a cor da vossa fantasia.

The Anglo Portuguese Telephone, C^o

**Rua Nova da Trindade
LISBOA**

Os Cartazes

DE

«O TREVO DE 4 FOLHAS»

honram as indústrias gráficas do nosso País e atestam a competência dos nossos artistas

LISBOA inteira apareceu há dias coberta de cartazes do *Trevo de Quatro Folhas*. De proporções fóra do habitual, vivos nas cores, sugestivos pelos temas focados, os cartazes do *Trevo* atraíram imediatamente as atenções gerais e foram objecto das mais elogiosas referências.

Se os artistas que os conceberam e desenharam foram felizes no seu trabalho, outro tanto sucedeu com as oficinas gráficas que os reproduziram e multiplicaram.

Assim, os cartazes do *Trevo de Quatro Folhas* honram, como se diz acima,



a indústria de artes gráficas nacional e bem assim alestam o mérito dos nossos desenhistas, na modalidade difícil do cartaz reclamativo.

* * *

As gravuras que damos, falam, com a eloquência precisa, do valor dos três cartazes do *Trevo*, sob o aspecto expressivo.

Ao alto, temos o grande cartaz de Nascimento, que é também, o grande

cartaz do filme, o fulcro sob o qual gira toda a história. É a síntese pura e simples da ideia motora daquele: Nascimento, Zé-Maria, homem que se parece com toda a gente. Lá estão, como fantasmas, os seus sócios: o bailarino, o jogador de «foot-ball», etc., etc. É Nascimento-Zé Maria encara-os com uma expressão bem achada, onde se reflecte o «drama» de se parecer com toda a gente.

O cartaz abaixo aproveitou como motivo o «foot-ball», um dos *clous* do fil-

me, numa estilização curiosa e pitoresca, de acordo com a índole das cenas que no mesmo se focam. À direita, os três artistas principais, Nascimento, Procópio e Beatriz, em máscaras bem trabalhadas, e que têm um simbolismo, também, sabido é que o filme foca também o Carnaval alfacinha, com inegável felicidade.

O terceiro cartaz aproveitou a expressiva cabeça de Beatriz como motivo dominante e os dois «clous»: a viagem Lisboa-Pôrto e Nascimento, *keeper* do «team» espanhol.

Os autores dos cartazes são respectivamente:

Fred Kraddoffer, Vasco Costa e Martins Barata.

* * *

O primeiro e o segundo cartaz foram executados nas oficinas da Casa «Bertrand (Irmãos), L.da». Trabalho notável, consciencioso, numa casa que há pouco encetou essa modalidade de trabalhos gráficos, e, que, dum momento para o outro, soube impôr a sua categoria indiscutível. O terceiro cartaz foi executado no Pôrto e mantém os créditos das oficinas litográficas da Cidade Invicta.



CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 34 — 8 DE JUN O DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



MAFALDA



«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA